

Francisco Alves de Oliveira  
Comerciante



# Um homem que fez brotar do árido a sabedoria, domando o destino e teimando em ser gente

*Seu Chico* não sabe se é feliz. A vida não dá tempo para que ele pense o que isso significa. Ele sabe é que viveu o que foi possível, é o bastante. O rosto não desmente o homem que cresceu do trabalho da roça, da lida, desde os cinco anos. Vaidade, *seu Chico Alves* só tem é das escolhas que fez na vida.

Teimoso que só ele, conta de cor as regras do certo e errado, das coisas como devem ser conforme manda a própria lei. Lei que, embora não tão no ritmo do tempo que se atualiza depressa, é obediente à sabedoria que brota de uma dura experiência.

Quem não teve por perto ou conheceu um senhorzinho teimoso que contasse a própria história sem deixar que ninguém fizesse um remendo que fosse? Assim é *seu Chico Alves*; só ele sabe as histórias das ruas de terra de Brejos dos Santos (PB) onde o então menino, mesmo desconhecendo infância, ajuntou memórias e brincadeiras. Só ele conhece a verdade das estradas que o jogaram na vida, de Mossoró (RN) a São Luis (MA). E não importa o quanto dessas histórias vivam mais na fantasia do que na realidade.

Crescido na persistência, na dureza, na fome e nos maus tratos, *Seu Chico* deixa na vida adulta rastros do que passou na quase-infância. Ainda assim, olhado de perto, supera a aspereza do que aprendeu a ser com certo cuidado, carinho e devoção aos seus. Abandono ele só conheceu mesmo quando criança, do pai; depois de crescido, não soube mais o que é deixar alguém para trás, nem mesmo a mulher já falecida, a quem faz companhia no túmulo sempre que o convém.

*Seu Chico Alves* tem orgulho de ter aprendido sozinho o bê-á-bá da sobrevivência; de tudo um pouco ele se ateve saber. Quem nasceu da dificuldade – *A minha história, do*

*começo da minha vida, partiu de uma hora de angústia, de confusão* – não se acomoda em ignorância; a primeira lição a seguir é ser alguém na vida, e essa ele cumpriu cedo.

Não foge aos adjetivos fáceis de gente que nasceu pelas brenhas do Interior. Além de teimoso, é orgulhoso, contador de causos, um verdadeiro folclorista, e ainda tem lá controvérsias com o tempo que insiste em trazer novidades. Mas é da mistura desses traços comuns que irrompe a genialidade de um homem que ultrapassa todas as expectativas. Destemido, inventa e reinventa a vida quantas vezes for necessário. Sossego é o que ele ainda não conhece, e diz que nunca vai conhecer.

Para desacelerar o pensamento desse homem sem rédeas é preciso paciência e tino para se embrenhar no fluxo das ideias. De pé, *seu Chico* sustenta até o fim a figura turrona, escapando vez ou outra para uma graça, dessas de senhorzinho sabido.

Jura ter um rasgo na calça social que enfiou no corpo o impedindo de ficar à vontade. Na camisa xadrez, exhibe a saliência de um ventre que se alimentou muitas vezes do vento, enquanto o futuro era poupado e resguardado pelos cruzeiros escondidos em buracos na parede de uma casa. Os pés, dentro dum chinelo, ele arrasta mais do que firmemente pisa, no vai e vem do embalo das suas ordens e agonias; provavelmente um cansaço que ele finge não compreender.

Esse *seu Chico* não tem quem o dobre, não tem quem o comande. Nem açoite de pai, nem surra da vida. Até em entrevista sabe botar moral, merecido. *Seu Chico Alves* é o personagem que não possui nenhum título especial além de “gente”; estampa estas páginas tão somente por ser o que é. Tem mais do que direito a dar o “show” dele.

## Ficha Técnica

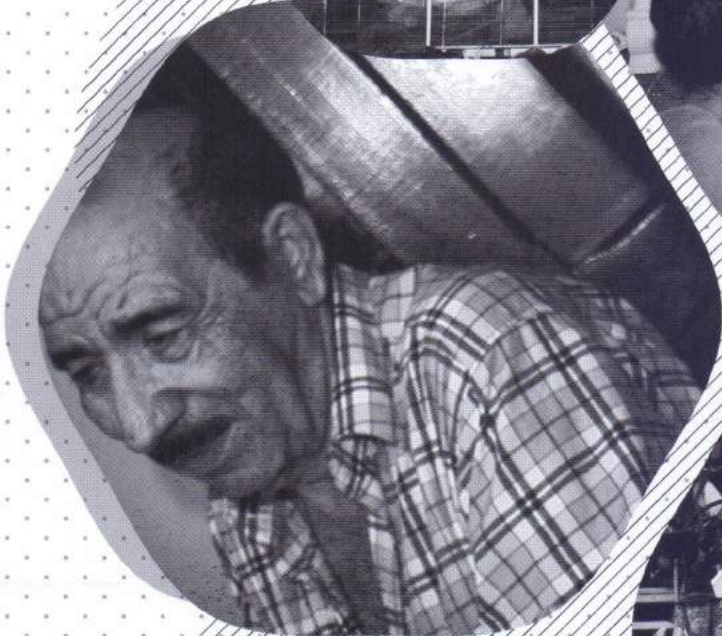
Equipe de Produção:  
Monique Targino  
Fernando Girão

Entrevistadores:  
Camila Magalhães  
Chloé Leurquin  
Cinthia Freitas  
Cláudio Lucas Abreu  
Fernando Girão  
Livia Priscilla  
Monique Targino  
Naiana Gomes  
Pedro Borges

Fotografia:  
Diego Sombra

Texto de abertura:  
Cinthia Freitas







Entrevista com Francisco Alves de Oliveira, dia 29 de abril de 2014.

**Monique** – Seu Chico, o senhor nasceu na década de 1940 em Brejo dos Santos, na Paraíba. O que o senhor sente quando se lembra de lá?

**Chico Alves** – Olhe, lembrar dos meus primeiros dias de vida me recorda uma triste tragédia que aconteceu em 1940, no dia 19 de abril, que foi o dia em que eu nasci. Nesse dia houve uma grande revolta do pessoal da Igreja Católica contra a igreja dos crentes (*Igreja Evangélica*). Juntaram-se 500 pessoas pra desmanchar a Igreja Católica. Todas armadas. Foram muitos tiros, parecia uma guerra. E a minha mãe (*Cecília Jovelina da Conceição*) – que estava de resguardo de mim – com menos de 24 horas após o parto teve de ser arrancada de casa por conta desse tiroteio. Parecia que o mundo ia acabar. Ela correu 18 quilômetros comigo nos braços. Isso foi como um sinal de que a minha vida iria ser toda de turbulência. É tanto que tudo na vida eu acho bom, não me afobo com nada e o que vier tá tudo bem. Sou acostumado com todos os esquemas da vida.

Então, naquela época, eu nasci, fui crescendo e com cinco anos de idade eu já era comerciante. O que é que eu fiz com cinco anos? Eu troquei uma espingarda que papai tinha por um cavalo de um velho que tinha lá (*em Brejo dos Santos*). Eu disse: “Pai, troquei a espingarda pelo cavalo e tal...” E ele disse: “Tá certo, meu filho, do menino é que se faz um homem. Fez tá feito!” Eu comecei a trabalhar. Meu pai (*Manoel Alves da Silva*) me botava pra trabalhar na roça e aquilo outro, mas eu vou dizer uma coisa: eu sempre fui uma pessoa dedicada ao trabalho. Veja que isso foi em 1945, quando eu comecei a trabalhar. Em 1947, eu ainda brincava que nem menino, mas eu já tinha uma bodegazinha. Eu comprava rapadura, biscoito... E, àqueles meninos que brincavam perto lá de casa, eu vendia (*rapadura e biscoito*). Até minha mãe brigava porque os meninos iam muito beber água lá em casa e, quando acabava (*a água*), tinha de ir buscar na cabeça e era longe. Mas eu vendia uns pedacinhos de rapadura, uns biscoitinhos, e ia apurando um dinheirinho.

Eu até conto uma história: em 1949, eu

morava com a minha vó, devido ao meu pai ser muito ruim comigo. Porque meu pai era ruim! Meu pai era tão ruim e eu fiz tudo na vida por ele que nem dá pra contar. Quando ele morreu, há dez anos, enterrei lá no Mato Grosso e ainda tenho de ir lá saber se ele foi bem enterrado mesmo, porque o velho era ruim! Ele era tão ruim que me botava pra passar debaixo dos animais. Ele amansava burro e, quando ele ia entregar o burro pra uma pessoa que tinha levado o animal pra amansar, ele dizia: “Chega menino!” Aí me botava pra passar de traz do burro, passar por debaixo, passar pra cá, pra lá... Todas essas coisas ele fazia comigo. Pois bem, voltando pro meu começo de vida, eu tinha a bodegazinha com sete anos, quando foi em 1949, eu saí da Paraíba pra Juazeiro (*da Bahia*). Eu tinha nove anos e fui pra lá comprar ouro e miçanga pra vender. Eu tinha botado uma o roça e apurei lá um dinheirinho e minha vó me emprestou mais 500 (*contos, moeda da época*). Com isso eu fui comprar ouro e miçanga em Juazeiro com nove anos de idade...

**Fernando** – (*interrompendo*) Sozinho?

**Chico Alves** – Sozinho! Em cima de um caminhão que era mais barato. Nessa viagem eu passei por um constrangimento que nunca me esqueci. Eu fui pra Juazeiro e, quando cheguei lá, não quis dormir no hotel, porque a dormida custava cinco contos. Eu disse: “Vou dormir na calçada.” Porque a dormida era cinco contos, mas pra dormir na calçada não pagava nada, apesar de estar com o dinheiro pra comprar as coisas (*ouro e miçanga*). A sorte foi que chegou um cara num carro velho e disse: “Quem é um menino pra dormir dentro do meu carro?” Ele queria alguém pra pasturar o carro durante a noite. Eu disse: “Eu vou!” Se não tivesse ido, eu tinha me dado mal, porque de madrugada passou a polícia carregando todo mundo que *tava* ali naquelas calçadas. Se eu não tivesse no carro, eu tinha ido no embalo. Mas tive sorte. Deus me ajudou.

**Fernando** – Isso foi em 1949...

**Chico Alves** – (*interrompendo*) Isso, 1949!

**Fernando** – Mas o senhor disse na pré-entrevista que em 1951 os seus pais se separaram e...

O primeiro contato da equipe de produção com Chico Alves se deu no dia 20 de março às 13 horas. O encontro aconteceu na sucata que ele afirma ser “a maior do mundo” e leva nome e sobrenome do proprietário em gigantesco letreiro logo na fachada do estabelecimento: “Sucata Chico Alves”.

Na ocasião do primeiro encontro com Chico Alves, a equipe de produção o convidou a ser um dos entrevistados da edição nº 32 da *Revista Entrevista*. O convidado, à priori, recusou o convite alegando estar cansado de dar “essas” entrevistas.



Ainda no dia 20 de março, após finalmente tê-lo convencido a participar da *Revista Entrevista*, a equipe de produção teve a oportunidade de bater um papo com Chico Alves. A conversa durou aproximadamente 50 minutos, tempo suficiente para constatar o caráter folclórico da personalidade dele. Chico Alves contou histórias engraçadas, *causos* e dramas vívidos. Fez rir e emocionar quem ali estava presente.

**Chico Alves** – (*interrompendo*) Calma! Vai chegar lá. Eu *tô* contando agora a história de 1949, depois é que chega às histórias de 1950, 51, 52 e tal. Se você quer saber minha vida eu vou descascar ela é agora! Pois bem, em 1949 eu já *tava* negociando. Em 1949 e 50 eu já ia comprar mercadoria em Campina Grande (*Paraíba*), lá nuns armazéns. Chegava lá e procurava quem quisesse comprar umas coisinhas velhas quebradas. Isso lá em Campina Grande, em 1949. Quando foi em 1955, 1954, eu já era grande comerciante lá na Paraíba...

**Fernando** – (*interrompendo*) Certo. Mas, antes de o senhor ter o seu comércio grande, em 1951 houve a separação dos seus pais. O senhor lembra como era a relação deles?

**Chico Alves** – Primeiro, é o seguinte: nessa época eu morava num interior. Num interior que era uma vila e não uma cidade. Lá o meu pai arrendou um terreno onde nós fomos morar – que foi onde eu conheci minha esposa (*Eliete Francisca de Oliveira*), eu tinha dez anos e ela tinha sete...

**Fernando** – (*interrompendo*) Isso foi em Brejo dos Santos?

**Chico Alves** – Não, isso era num sítio a 18 quilômetros de Brejo dos Santos, pra dentro de umas serras que tinha lá. E eu conheci a minha esposa lá. Ficamos amigos, moramos vizinhos e tal. Foi uma história que pegou assim como se fosse uma coisa de Deus. Aquela menina apareceu e viveu a vida todo comigo sem nunca me dar nenhum desgosto.

**Fernando** – Tudo bem, *seu* Chico, mas depois a gente fala da parte em que o senhor a conheceu. Antes disso, houve a separação dos seus pais...

**Chico Alves** – Não, mas eu a conheci nessa hora. Em 1950.

**Fernando** – Ah, então foi antes da separação dos seus pais que você a conheceu?

**Chico Alves** – Foi! Eu a conheci quando nós fomos morar lá nesse sítio. E foi lá que meu pai me deu uma pisa porque eu *tava* estudando escondido. Eu estudei dois dias lá nesse interior e meu pai me deu a pisa. Antes, em 1946, eu fui estudar três dias e li a cartilha do ABC todinha nesses três dias. Em 1947, eu fui estudar de novo e li a cartilha até onde dizia que “a boneca é boa.” Acho que vocês não conheceram esse negócio de cartilha, mas, naquela época, você chegava numa aula e ele (*professor*) lhe dava uma lição e, na hora que você soubesse tudo decorado daquela parte do livro, ele já passava pra frente...

**Pedro** – (*interrompendo*) *Seu* Chico, sobre essa história que o seu pai lhe bateu quando

foi pra escola escondido, o senhor acha que isso fez com que o senhor não quisesse mais voltar a estudar?

**Chico Alves** – Não, não tinha nada de querer não. Antes da pisa – que foi em 1950, quando nós estávamos morando lá nesse sítio –, dois ou três anos antes, ele já tinha me tirado da escola outras vezes porque existia um cidadão lá chamado Lucas, que tinha ido estudar em João Pessoa (*Paraíba*), pra ser padre e endoideceu. Ele (*Lucas*) era calado, andava nas estradas, não falava com ninguém... E meu pai, quando ouvia falar em estudar, dizia: “Vai querer ficar que nem Lucas? Vai endoidecer?” A teoria dele era essa.

**Pedro** – O senhor achava isso também?

**Chico Alves** – Eu não. Eu gostava de estudar, sabia tudo decorado. Aliás, meu pai me tirou da aula, mas eu não esqueci nada da cartilha (*de alfabetização*). Eu tenho um dom. Dentro de mim tem um dom para todas as coisas.

**Chloé** – *Seu* Chico, o senhor falou que o seu pai era ruim com o senhor. Depois disse que ele lhe bateu por toda essa história de o senhor ir à aula escondido. Como era a relação entre vocês dois?

**Chico Alves** – Eu era um menino obediente, trabalhador, que lutava que nem gente (*ele quer dizer que nem gente grande, adulta*). Como ainda hoje luto. Eu tenho 44 anos de trabalho aqui (*na sucata*) e nunca folguei um dia. Nem sequer uma Sexta-feira da Paixão eu folguei. Direto trabalhando...

**Chloé** – (*interrompendo*) Mas, com o seu pai, como era a relação?

**Chico Alves** – Com o meu pai era do mesmo jeito: noite e dia trabalhando.

**Cholé** – Vocês brigavam muito?

**Chico Alves** – Não, não tinha discussão.

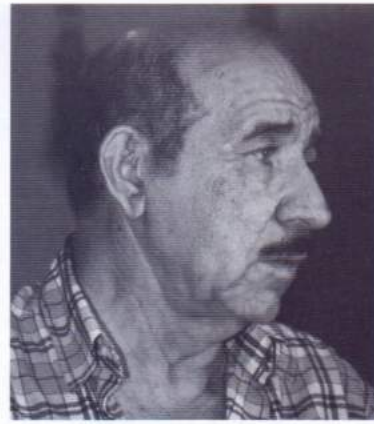
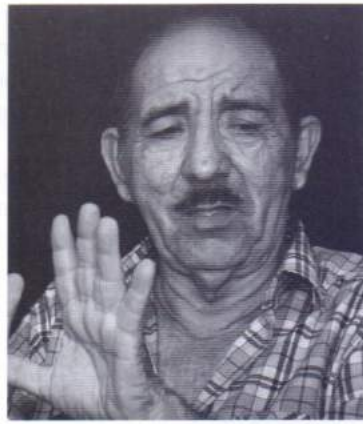
A entrevista foi marcada para o dia 29 de abril às 14 horas na sucata. No entanto, ao chegar no horário e local marcado, a equipe de produção foi surpreendida com a informação de que Chico Alves havia transferido a entrevista para a casa da filha mais velha. O motivo seria a ausência de um espaço adequado na sucata. Segundo ele próprio, a sucata estava abarrotada de “bregueços” e não tinha condições de receber tanta gente.

---

“E a minha mãe – que estava de resguardo de mim – com menos de 24 horas após o parto teve de ser arrancada de casa (...) Isso foi como um sinal de que a minha vida iria ser toda de turbulência.”

---





Por tratar-se de um ambiente bastante representativo da história de vida e personalidade do entrevistado, a equipe de produção tentou convencê-lo a manter a sucata como local da entrevista. Após 15 minutos de negociação, Chico Alves apresentou como solução que a entrevista acontecesse no apartamento dele que fica no prédio construído em cima da sucata.

Mas era assim, vamos dizer... Por exemplo: quando nós estávamos morando na cidade, ele ia comprar couro pra vender. Daí, naqueles depósitos em que se guardava couro – de criação de cabra, de carneiro, de gado e tal –, lá dá um bichinho assim preto (*demonstra o tamanho do bicho com o dedo*), que fura e desmancha o couro. E, quando a pessoa levanta o couro e olha, que vê aquele canto desmanchado, aquela pele só vale a metade do preço. Então, o que meu pai fazia? Ele dizia: “Olha, se aparecer uma pele com defeito você vai apanhar!” E um dia ele chegou – eu já tinha até tirado os couros do sol no outro dia e tudo – e encontrou um couro com defeito. Ele disse: “Cada um com defeito que eu encontrar é uma pisa que lhe dou!” Eu tinha dez anos e ele me pegava pela perna com uma corda de caroá, me levantava, dava, dava, dava e me soltava no chão: *páá!* Eu não tinha forças, tinha apenas dez anos, e ele era um homem de muita força. Então, ele dava, dava, dava e, quando achava outro couro com defeito, dava de novo. Ele só me soltava quando eu não falava mais, já quase morto. Uma vez minha mãe soube que ele *tava* me açoitando e veio correndo lá de casa. Quando ela chegou, *tava* eu lá estirado no chão. Ela me pegou e levou pra casa. Ela me botou no quintal – numa pedra que ela usava pra lavar roupa – e começou a me jogar água. Saía sangue pelo nariz, pelo ouvido, pela boca... Depois me botaram numas palhas de bananeiras no chão, que foi onde eu passei 15 dias inchado ainda.

**Chloé** – Isso aconteceu outras vezes?

**Chico Alves** – Outras vezes e em outras circunstâncias. Mas o que aconteceu foi que, depois disso, eu fui morar mais minha vó. Que foi nessa época que eu...

**Fernando** – Foi morar com a sua vó fugindo dele? Com medo dele?

**Chico Alves** – Não, eu não tinha medo dele não, porque “filho de gato é gatinho!” Eu não temia. Ele batia, mas eu já tinha aquele gelo de suportar. Eu não queria era convivência com ele. Depois viemos a ser amigos no final

da vida dele. Mas nunca me esqueci dessas coisas que ele fez comigo.

**Fernando** – E como era a relação dele com a sua mãe?

**Chico Alves** – Era péssima também. Porque ele era mulhereço, gostava de viver no *meio* do mundo. E foi quando nós morávamos lá nesse sítio é que minha mãe veio a se separar dele.

**Fernando** – E por que eles se separaram?

**Chico Alves** – Porque ela não queria morar lá no sítio – queria morar no lugar onde eles viviam antes, onde tinham todos os familiares e tudo – e também porque ele não vivia em casa, saía todo dia e tinha mulher por todo canto.

**Naiana** – *Seu Chico*, o senhor acha que o seu pai tinha qualidades?

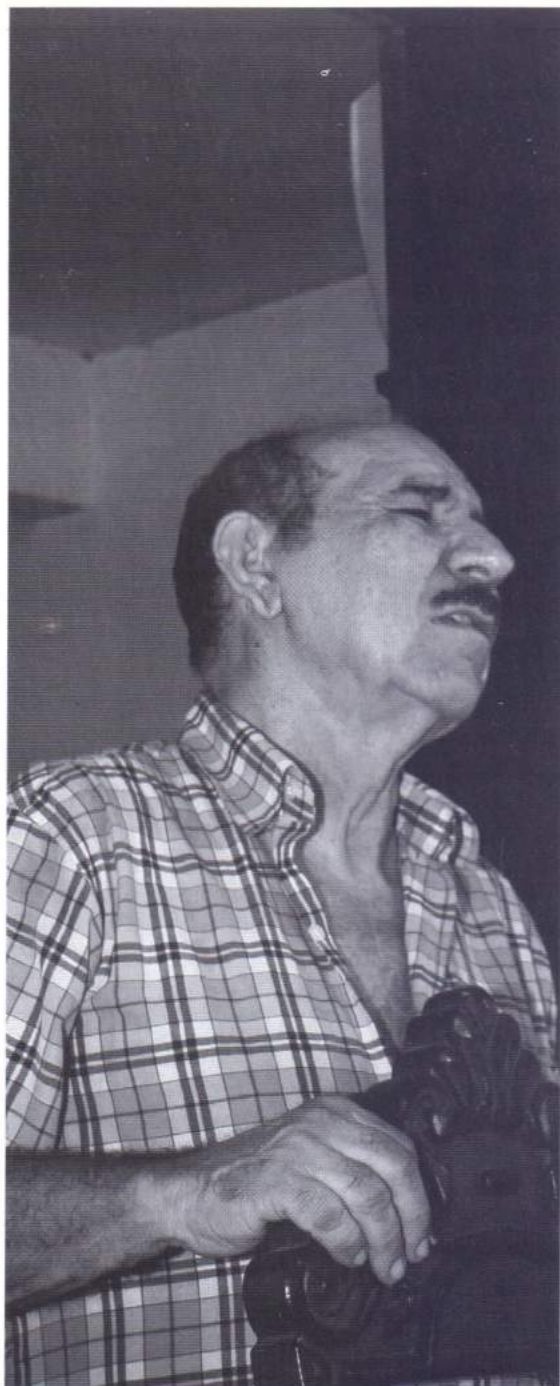
**Chico Alves** – Meu pai tinha um gênio tão ignorante, tão estúpido... Ele era um homem que queria ser herói, queria ser corredor, queria ser brabo, queria ser valente... Ele mandava amarrar os pés dele numa rede e depois mandava cortar a corda do outro lado e caía em pé. Meu pai pulava uma cerca de nove palmos de pés juntos. Meu pai corria mais do que todo mundo. Uma vez ele pegou uma saca de milho de 20 quilos com a boca. Ele era todo metido a herói. Ele aqui (*em Fortaleza*), com 75 anos, eu o levei pra fazenda. Eram três quilômetros pra chegar na pista e ele saiu correndo na frente do carro só pra mostrar que era danado.

Ele era um homem dessa qualidade. Mas a convivência dele com minha mãe era péssima. Uma vez ele foi me dar uma pisa – e mamãe já acostumada a sofrer dele, apanhar dele e tudo – e “sem quê nem mais” ele discutiu comigo e eu disse que ia embora lá desse sítio. Ele disse: “Olhe, você vai levar uma pisa primeiro pra saber por que foi embora!” Quando ele me agarrou pra bater em mim, minha mãe pegou o revólver, armou e disse: “Se você baixar a mão nele eu lhe queimo agora!” Como o revólver já *tava* armado, ele temeu. Ele disse: “Eu vou afrouxar porque é uma mulher, se

Com a definição do local da entrevista, Chico Alves logo tratou de mandar um funcionário dá um jeito na bagunça do apartamento e abrir um espaço na sala para receber as visitas. O lugar mais parecia uma extensão da sucata, com peças de carros e outros materiais de sucata espalhados por todos os lados. Devido ao tempo que se levou para organizar o local, a entrevista começou atrasada, por volta das 14h30min.



Durante a etapa de produção da entrevista, dona Francinete Alves de Oliveira (filha mais velha de Chico Alves) exerceu importante função de mediação entre o entrevistado e a equipe de produção, fornecendo informações e contatos fundamentais para o trabalho de pesquisa sobre a vida de Chico Alves.



“Eu gostava de estudar, sabia tudo decorado. Aliás, meu pai me tirou da aula, mas eu não esqueci nada da cartilha (*de alfabetização*). Dentro de mim tinha um dom para todas as coisas.”

Em entrevista concedida à equipe de produção no dia sete de abril, quando perguntada sobre a escolaridade do pai, Francinete respondeu: “Foi só um ensaio de alfabetização. Na verdade ele é autodidata, tudo que ele aprendeu foi sozinho mesmo”.

fosse homem eu não afrouxava não.” Mas afrouxou e, mesmo assim, eu sai de lá fui morar mais minha vó.

**Chloé** – E como era a sua relação com a sua mãe?

**Chico Alves** – Ah, com a minha mãe era um amor, uma beleza! Era um mar de rosas! É tanto que eu vivi muitos anos com a minha mãe depois que eles se separaram. Nós passamos muitos anos vivendo juntos ainda. Só depois é que eu fui embora e deixei lá um bocado de prédio, um bocado de coisas pra ela. Porque o filho bom ele é feliz. Olhe, eu deixei lá uns dez prédios alugados, ela tinha um restaurante... Eu deixei tudo com ela e fui embora. A minha mãe uma vez me escreveu uma carta dizendo: “Meu filho, mande um carrinho pra sua mãe andar”. Eu tinha muitos carros aqui e disse: “Vou mandar um carro pra minha mãe!” Isso era mais ou menos em 1975 e eu tinha aqui (*na sucata*) um *Corcel* 1974. Eu chamei um primo meu e disse: “Olhe, você vai deixar esse carro lá na minha mãe, lá na Paraíba!”

**Fernando** – Mas *seu* Chico, o que a Chloé quis perguntar era sobre a sua relação com a sua mãe quando criança, e não depois que o senhor veio embora...

**Chico Alves** (*interrompendo*) – Com mãe é diferente, né?! Essa revolta que eu tinha com meu pai, com minha mãe eu não tinha. Minha mãe era boa. Uma boa mãe, uma boa esposa, uma *boa tudo*.

**Lívia** – Qual é a lembrança mais marcante que o senhor tem da sua mãe?

**Chico Alves** – Ah, moça, a lembrança mais marcante que eu tenho da minha mãe é a vida dela inteira, porque tudo foi de felicidade com ela. Minha mãe lutou comigo a vida inteira do meu lado. O que marca é ela ter sido uma mulher que ficou diabética aos 50 anos e, por não ter respeitado a doença, morreu cedo, com 53. Mas minha mãe foi uma mulher muito *trabalhadeira*. Olhe, chegava meu pai de noite em casa e, às vezes, me mandava ir deixar um cavalo numa roça acolá. E, na época, eu não temia de nada, mas o bicho que eu mais tinha medo na vida era o coelho, porque diziam que era um anjinho todo branquinho que vinha do céu. E eu vivia com medo, tendo visagem de coelho no meio da roça à noite. Quando meu pai me mandava ir deixar cavalo na roça de noite, minha mãe vinha mais eu com uma lamparinazinha. Meu pai não tinha pena de nada, mas ela era boa comigo.

**Camila** – *Seu* Chico, o senhor tem alguma característica, algum jeito seu, que o senhor identifica como igual a sua mãe?

**Chico Alves** – Tem. Eu sou o retrato da minha mãe na vida. E, olhando para esse



retrato (aponta para a parede onde há uma foto ilustração dos pais), você vê como nós éramos parecidos. Os olhos, o rosto, o nariz, a altura e também a besteira de ser amiga e boa para todas as pessoas...

**Camila** – E do seu pai, o senhor herdou alguma coisa?

**Chico Alves** – O que eu tenho do meu pai, que eu herdei dele, é que ele era um homem muito inteligente, comerciante sabido.

**Fernando** – Quando os seus pais se separaram, o senhor ficou com sua mãe e mais três irmãs ainda pequenas, não foi isso? Como foi ter essa relação de responsabilidade para com suas irmãs?

**Chico Alves** – Eu vou contar: 1951 foi um ano de seca lá na Paraíba. Nós não tiramos nada lá da roça. E, nas discussões com o meu pai, minha mãe sempre falava que queria ir embora. Meu pai dizia: “Olhe, se você for embora eu não ajudo, não dou nada!” Assim mesmo nós saímos, alugamos um carrinho de boi com dois bois puxando e botamos nossos cacos de coisas em cima. Nós não tínhamos nada, nem mala. Era tudo dentro de um caixão velho. Em dezembro de 1951, nós saímos desse interior lá pra ir para outro interior que era uma vila. Chegando lá, nós alugamos uma casa de uma velhinha pra botar nossos troços. Rede quase não tinha, era uma rede pra eu mais minhas irmãs e outra rede velha toda rasgada. Não tínhamos nada porque meu pai era homem ganhador de dinheiro, mas gastava tudo em jogo. Eu lembro que, quando eu morava mais meu pai, em 1950, um dia vieram uns compadres dele pra passar o dia lá em casa. Naquele dia eu e minhas irmãs passamos o dia inteiro no mato. Com vergonha das visitas, porque não tínhamos roupa nem chinelo. Os compadres dele perguntavam: “Cadê os seus meninos?” Ele dizia: “Tão brincando por aí no mato. Eles gostam muito de brincar”. Mas não estávamos brincando de nada, era vergonha porque nós não tínhamos roupa, não tínhamos chinelo, não tínhamos nada.

Após chegar nesse outro interior, nós alugamos lá essa casinha e a velha (*dona da casa*) morava noutra casinha vizinha. Uma vez, de noite, minha mãe tinha umas colheres de pau e *tava* furando uns pregos na parede pra pendurar essas colheres. Foi quando a velha chegou pra minha mãe e disse: “Olha, podem ir embora! Você veio derrubar minha casa, foi? Eu tô ouvindo as pancadas. Eu não quero mais vocês aqui de jeito nenhum. Podem ir embora!” Nós fomos embora e no outro dia fomos arranjar outra casinha pra morar. Encontramos outra casinha e ficamos morando lá um bom tempo ainda. Eu fui embora de lá, desse interior, 15 anos depois

disso.

**Fernando** – Mas e o sustento da família de onde vocês tiravam?

**Chico Alves** – Eu e minha mãe fomos trabalhar na roça ganhando cinco reais por dia (*embora ele fale cinco reais, a moeda na época era outra, claro, mas a produção decidiu deixar assim para facilitar a compreensão por parte do leitor*). De noite eu inventava de trabalhar fazendo carrada de tijolo pra vender, que era pra ganhar mais dinheiro. Com isso, nós passamos a ganhar 30 reais, mas o negócio lá em casa era explicado: só podíamos gastar até 20 reais, os outros dez reais eram pra botar num buraquinho de parede onde eu guardava dinheiro.

**Naiana** – Seu Chico, o senhor chegou a passar fome com sua mãe e suas irmãs?

**Chico Alves** – Não. Porque passar fome é psicológico. Como nós sabíamos que não tinha o que comer, nada era passar fome pra nós. Mamãe botava no fogo meia xícara de feijão pra cinco pessoas comerem. Depois botava muito caldo e comprava meio quilo de farinha e mexia, mexia, mexia... Era muito melhor do que as comidas de hoje. Mas nós quase nunca tínhamos o que jantar à noite. Minha mãe lavava prato num restaurante e às vezes levava sopa pra casa quando sobrava. Quando minha mãe *tava* trabalhando nesse restaurante lavando louça, e eu trabalhando na roça, a mulher dona do restaurante quis vendê-lo e perguntou pra minha mãe: “Será que vocês não querem comprar?” Era só um quartinho com umas mesinhas de barro que só valia 300 contos de reis. Minha mãe disse: “Mas não temos dinheiro, Chico só ganha cinco reais por dia na roça”. A mulher disse: “Tem! Todo mundo aqui sabe que Chico esconde um dinheirinho num buraco de parede”. Quando eu cheguei de noite da roça, minha mãe disse: “Chico, dona Anita quer vender o restaurantezinho dela, vamos comprar? Ela disse que você olhasse quanto é que tinha no buraco de parede que você guarda dinheiro”.

---

**“Quando ele me agarrou pra bater em mim, minha mãe pegou o revólver, armou e disse: Se você baixar a mão nele eu lhe queimo agora!”**

---

Chico Alves frequentou a escola por apenas oito dias durante toda a vida. O pai dele o proibia de estudar.

Ainda segundo Francinete, Chico Alves é um grande contador de histórias, um folclorista nato. Uma das particularidades de Chico Alves na hora de contar histórias é a precisão em demarcar o tempo em que elas se passam.



Manoel Alves da Silva, o "Nequinho". Assim era conhecido o pai de Chico Alves. Tido como figura rispida e violenta. Em 1951, separou-se da mãe de Chico Alves, dona Cecília Jovelina, deixando-a mãe solteira aos 25 anos e com quatro filhos pequenos pra criar: Chico, Maria, Maurina e Socorro. À época, Chico Alves era o mais velho com apenas 11 anos.

Eu disse: "Bora olhar, mãe!" Ela trouxe a lamparina – já *tava* escuro, lá não tinha energia – e a gente foi olhar quanto tinha. Era ela alumiando e eu puxando o dinheiro com uma colher. Puxava uma notinha de dez e botava aqui (*demonstra a forma como o dinheiro era puxado*). Escavacava mais uma notinha, mais outra e outra... lá puxando. Quando terminei tínhamos 100 contos.

**Livia** – Seu Chico, ainda sobre a separação dos seus pais, como é que ficou a relação do senhor com o seu pai após a separação? Vocês mantiveram o contato?

**Chico Alves** – Você vai entender. Ele era comprador de couro. E eu, que trabalhava na roça, quando era dia de sábado, ia de pés lá pra cidade (*Catolé do Rocha*), que era a 20 quilômetros. Chegava lá e tomava dinheiro emprestado de um homem que comprava couro pra eu comprar couro também. Eu comprava couro o dia todinho e de tarde eu saía vendendo no meio da rua pra levar dinheiro pra casa. Eu voltava de pés também pra não pagar os cinco contos da passagem. Até já *tava* juntando um dinheirinho com esse negócio de venda de couro. Foi quando

Eu disse: "Tô, sim senhor. Eu vendo uns courinhos lá!" "E você paga imposto, você tem coleta paga lá?" "Tenho não, senhor. Eu não tenho coleta paga não", disse. Pra se ter uma ideia, eu era tão pequeno ainda, que, eu sentado na cadeira do homem, meus pés não encostavam no chão. Mas *tava* lá eu com as perninhas balançando, chinelinho de pneu e camisolinha de saco. Ele disse: "Você sabe aquele homem que fica lá do outro lado, na outra esquina? Aquele homem paga imposto, paga coleta. Você não pode estar lá sem pagar não!" Então eu disse ao coletor: "É. Eu não pago coleta não, senhor. Mas aquele homem que o senhor *tá* falando é meu pai. Ele separou-se da minha mãe e lá em casa nós somos cinco bocas: eu, minha mãe e mais três irmãs pequenas. Nós vivemos morrendo de fome e eu venho pra cá vender couro pra ganhar um dinheirinho. Venho de pés pra não pagar passagem". Expliquei que dia de sábado eu ia lá e pegava um dinheiro emprestado pra comprar uns courinhos pra poder vender e levar "o de comer" pra dentro de casa. Nessas alturas do campeonato, as lágrimas começaram a descer dos olhos do



o meu pai – essa cena, moça, eu choro quando lembro, mas vou ver se eu não choro hoje – me viu vendendo couro. E ele também vendia couro. Ele vendia numa esquina e eu vendia na outra. Certo dia, meu pai foi lá na Coletoria Estadual (*órgão responsável pela coleta de impostos*) me denunciar, porque todo vendedor de couro tinha de pagar uma taxa, um dinheirinho por mês pra poder vender couro. No outro dia eu cheguei cedo lá no ponto e fiquei esperando que viesse gente pra comprar. Foi quando chegaram dois guardas do Estado e disseram: "Olha, estão lhe chamando lá na coletoria". Eu disse: "Sim, senhor". Então eu fui de pés pra Coletoria. Lembro como se fosse hoje, eu com uma chinelinha feita de pneu, uma camisolinha de saco, "os zói lá no meio da cabeça" de fome... Eram uns dois quilômetros ou mais pra chegar lá na coletoria. Cheguei lá e fiquei no meio de dois guardas, como um preso. O coletor na minha frente com um bigodão assim (*imita o coletor*). Chamava-se José Vieira. Ele disse: "Menino, você *tá* vendendo couro lá naquela esquina, é?"

coletor. Ele disse assim: "Meu filho, aquele homem é seu pai?" Eu disse: "É!" As lágrimas dele desciam quando ele disse: "Pois, meu filho, é o seguinte: enquanto eu for coletor aqui na cidade, você pode comprar e vender couro aí que ninguém bole com você. Volte, pode voltar!" Voltei a negociar couro.

Agora, tem o seguinte: sempre fui inteligente. Deus me deu o dom pra negócio. Eu comecei a ganhar dinheiro. Também já tinha um dinheirinho guardado e tal... Foi quando meu pai chegou um dia lá do meu lado e disse: "Ei, meu filho, *tá* vendendo couro?" Eu disse: "Tô sim, senhor!" "E vem pra cá de quê?", ele perguntou. Eu respondi que ia de pés, que vinha de manhã de lá pra cá de pés e de tarde também voltava de pés que era pra não pagar passagem. Eu disse que se viesse e voltasse de caminhão eram dez contos e dez contos, eram dois dias de serviço que eu dava na roça. Ele disse: "Então, vamos fazer um negócio? Vamos comprar uma bicicleta pra nós dois? Você passa a comprar e vender couro pra mim. A bicicleta você anda na semana e tal..." Eu disse: "Pois *tá*, pai!"

No ano de 1960, Chico Alves perdeu o contato com o pai, que sumiu da região e permaneceu desaparecido durante 30 anos quando foi reencontrado pelo próprio filho no Estado do Mato Grosso.



Nós compramos a bicicleta *Monark*, por um conto e quinhentos. Ele deu 750 e eu dei 750. Pagamos a bicicleta à vista. A bicicleta era nova, quando passava nas estradinhas de terra deixava o nome *Monark* no rastro do pneu. Era muito bacana. De noite eu nem dormi, olhando pra bicicleta. Na segunda-feira comecei a andar na bicicleta, viajava nela e tudo. Mas, com menos de um mês, eu tô lá em casa num dia de domingo quando chega um rapaz chamado Jurandir de Luiz Caboco. Ele chegou e disse: "Olhe, seu pai disse que você me entregasse a bicicleta que eu quero ir lá no Olho d'Aguiinha. De tarde eu lhe devolvo a bicicleta". Então eu entreguei a bicicleta e ele me devolveu de tardinha. Quando foi no outro domingo, ele já chegou dizendo: "Rapaz, a bicicleta e tal...". De novo eu entreguei e ele levou a bicicleta. Mas, dessa vez, passou a semana todinha sem me entregar a bicicleta. Passei a semana andando de pés. Quando foi sábado fui pra Catolé de pés. No domingo de manhã, o cabra chegou e me entregou a bicicleta. Eu disse: "Rapaz, passei a semana sem bicicleta!" Ele deixou lá e foi embora.

contei a história pra minha mãe, minha mãe passou mal, teve que chamar o farmacêutico pra dar remédio, aquela confusão... Mas ele ficou com a bicicleta e nunca me chamou pra devolver. Nunca chegou pra dizer: "Meu filho, pegue sua bicicleta". Não, lá ele desapareceu com a bicicleta, com meu dinheiro, com tudo. Muitas vezes ele fez dessas presepadas comigo.

Mas, eu queria contar uma parte da história do fim da vida dele. Porque ele foi embora da região em 1960 e, quando foi em 1990, eu fui atrás pra falar com ele. Fazia 30 anos que ele estava ausente e eu até levei Francinete (*filha mais velha de Chico Alves*) que ele não conhecia. Até comprei uma caminhonete nova pra ir. Eu fui com Francinete, Francilene (*filha mais nova*), Eliete (*esposa*) e elas foram todas em trajes de cigano lá pra cidade que ele morava no Mato Grosso. Eu fui falar com ele me fazendo de cigano. Armamos toda essa cena. Ele não sabia que era eu e, como ele uma vez tinha matado uma pessoa, então ele tinha medo de inimigo e foi se afastando assim que me viu. Então fiz aquela cena de cigano, com aquelas gírias e tudo. Ele, muito assuntando, foi se afastando, se afastando...

Durante a entrevista, Chico Alves demonstrou-se demasiadamente tenso. Apesar de já ter sido diversas vezes personagem em notícias de jornais, revistas e televisão, segundo ele próprio, nunca antes havia recebido tanta gente ao mesmo tempo para uma entrevista, muito menos na sala da residência.

**"A lembrança mais marcante que eu tenho da minha mãe é a vida dela inteira, porque tudo foi de felicidade com ela. Minha mãe lutou comigo a vida inteira do meu lado."**

Quando foi de tarde ele voltou dizendo que meu pai tinha mandado entregar a bicicleta. Eu disse: "Entregar a bicicleta? Você não já passou a semana com ela?" "Não, mas ele mandou que entregasse", disse ele. Aí me invoquei e fui lá no pai com ele. Cheguei lá nem desci da bicicleta, fiquei só com os pés assim (*demonstra a posição*) e com as mãos pregadas no guidão. Cheguei e disse: "Papai, que negócio é esse? Jurandir passou a semana todinha com a bicicleta, não me entregou, eu fui pra Catolé de pés e o senhor manda entregar a bicicleta pra ele de novo num domingo de tarde pra ele passar a outra semana toda com ela mais uma vez?" Ele só disse assim: "Entrega a bicicleta, cabrito!" Ele tinha uns olhões feios de mau assombro, sabe?! Eu olhei pra cara dele e disse: "Papai, tá aqui!" Empurrei a bicicleta assim por cima dele (*gesticula demonstrando a cena*) e falei: "Tá a bicicleta e o senhor pode ficar com ela, porque o senhor na minha vida só faz atrapalhar. Tem problema não, papai, fique com a bicicleta!"

Rapaz, quando eu cheguei lá em casa, que

E eu em cima dele dizendo: "Olha, se o senhor quiser mandar ler a mão com o cigano, o cigano aqui sabe da sua vida. Eu digo o futuro, o passado e o presente. Se eu não falar a verdade, o senhor não paga nada!" E ele só se afastando. Eu disse: "O senhor tá com dois anos que é viúvo e tem os seus filhos, um filho mais velho e mais três filhas femininas." Fui dizendo as coisas da vida dele. Quando ele sentiu quem era eu, aí ele se agarrou comigo chorando e tal. Mas o que é que eu fiz? Trouxe (*o pai*) pra cá, dei um apartamento, mobiliei o apartamento, dei um carro pra ele, botei dez mil na conta dele pra ele viver dos juros e disse: "Pai, isso daqui não é esmola. Todo dia que o senhor quiser dinheiro o senhor vai buscar no banco. Quando acabar eu dou mais!"

**Camila** – Seu Chico, depois que o seu pai foi embora, quando o senhor era criança, o senhor ainda teve vontade de voltar a estudar?

**Chico Alves** – Não, eu não tive. A vida foi que me ensinou o estudo. Quando o meu pai se separou da minha mãe, eu fui trabalhar. E

Exceto quando gesticulava para simular uma cena, durante toda a entrevista Chico Alves permaneceu na mesma posição: de pé, resguardado atrás de uma cadeira que parecia servir-lhe de apoio e escudo. Assim, ele resistiu às duas horas e 20 minutos da entrevista, recusando todos os convites a sentar-se.



Além do nervosismo e da tensão evidenciada pelo fato de ter permanecido de pé durante toda a entrevista, Chico Alves apresentou-se também bastante afoito nas respostas. Fazia digressões, emendava e remendava histórias umas nas outras, o que, por vezes, parecia dominar os entrevistadores deixando-os sem reação.

eu não tinha vontade de estudar, porque o tempo não dava. Mas o que é que eu fiz? Eu passei a ser comerciante e aprendi a escrever, a ler, a somar, a fazer toda a qualidade de coisas. Sei decoradas todas as contas. Sei mais do que uma máquina, que faz menos do que eu faço na cabeça. A matemática eu sei tudo o que você perguntar.

**Cláudio** – O senhor acha que o trabalho foi a sua escola?

**Chico Alves** – Minha escola foi a vida. Minha escola foi a vida e um dom que eu tenho: o saber. Porque Deus me deu esse dom, que eu acho que foi muito bom, mas acho também que ele não devia ter dado tanto saber pra mim. Porque tem pessoa que sabe ser pedreiro, tem pessoa que sabe ser carpinteiro, tem pessoa que sabe ser eletricitista... Já eu sei ser tudo isso. Eu consertava televisão, eu consertava rádio, eu conserto carro, eu faço pintura, sou engenheiro de construção, eu tive fábrica de sabão, tive fábrica de doce, fábrica de refrigerante, fábrica de comprimido, remédio, brilhantina, sabonete, essas coisas todas eu fiz. O povo comprava uma agulha numa bodega e perguntava se era eu quem tinha feito.

**Pedro** – Esse vício pelo trabalho, o senhor acha que foi o seu pai quem lhe passou isso?

**Chico Alves** – Não. Pro trabalho eu já nasci com o dom. Porque, se a pessoa for preguiçosa, não tem jeito. Minha mãe era *trabalhadeira* toda, era uma beleza. Agora, a mensagem que eu tenho da vida, o que eu tenho a dizer da vida é que... Mas isso eu quero dizer só no final.

**Chloé** – Eu gostaria de saber do senhor quando foi que as suas condições financeiras começaram a melhorar?

**Chico Alves** – Olhe, eu já disse isso aqui pra vocês: eu trabalhava por 30 cruzeiros por semana, mas só gastava 15 ou 20. Eu podia passar fome, podia nem jantar, mas eu guardava dinheiro.

**Pedro** – Como é que o senhor conseguia guardar dinheiro sendo que precisava de dinheiro até pra comer?

**Chico Alves** – Porque eu dormia sem jantar. Olhe, gravem vocês o que eu vou dizer: são três estradas pra dinheiro. Uma é gastar o que tem, outra é gastar o que não tem e a outra é gastar menos do que ganha. Se você gastar tudo o que ganha, você nunca tem nada. Eu tenho empregado meu que ganha o mesmo tanto do outro. Um tem bicicleta, televisão, geladeira, moto, tem tudo. O outro não tem nada, porque gasta tudo o que ganha. Já se você gastar mais do que ganha, você toda vida tá devendo. Agora, se você gastar menos do que ganha,

sempre sobra. E isso era o que eu fazia. Quando meu pai se separou da minha mãe, que nós fomos morar naquela casa velha que eu já falei aqui, nós passávamos fome, mas no buraquinho de parede eu sempre tinha dinheiro. Eu sempre fui assim, eu sempre guardava um dinheirinho.

**Chloé** – Então, o senhor preferia passar fome e ter o dinheiro guardado?

**Chico Alves** – Eu podia dormir no chão, porque a rede podia rasgar, mas eu não ia tirar dinheiro pra comprar rede se não eu não juntava dinheiro lá no buraquinho de parede. Ainda hoje eu sou assim.

**Naiana** – *Seu Chico*, na pré-entrevista o senhor disse que a sua vida foi de sofrimento porque o senhor começou a trabalhar muito cedo, mas o senhor disse agora que trabalhar é o seu esporte. É o seu esporte, mas é sofrido? Como é que o senhor lida com essas duas coisas?

**Chico Alves** – Eu disse a você, eu *tava* falando aqui sobre a vida de cada pessoa. Cada pessoa tem um esporte. Cada pessoa faz aquilo que gosta e isso é bom. O meu esporte é trabalhar.

**Naiana** – O senhor gosta, mas é sofrido? Como é isso?

**Chico Alves** – *Deixa eu* explicar: pra mim trabalhar não é sofrimento, é o meu esporte. Olhe, entre 1946 e 1949 – eu acho que era por essa época –, lá no interior, o almoço (*Chico Alves costuma chamar o café da manhã de almoço*) era mungunzá com leite e ao meio dia (*refere-se ao almoço*) era feijão com farinha e rapadura. E muitas pessoas que comiam aquela comida às vezes brejava. Chama-se brejar quando “o cabra” come a comida, começa a suar, começa a passar mal, para de trabalhar e vai se escorar debaixo de um pé de árvore. E eu era um menino que todo

---

“Passar fome é psicológico. Como nós sabíamos que não tinha o que comer, nada era passar fome pra nós. Mamãe botava no fogo meia xícara de feijão pra cinco pessoas comerem.”

---

Chico Alves se mostrou mais afetado emocionalmente quando perguntado sobre o relacionamento com o pai. O tom de voz e as expressões do rosto logo revelavam a mágoa com a qual guarda e narra as memórias da figura paterna na infância.





mundo gostava de me chamar pra trabalhar, porque eu chegava disposto, corria e gritava com os outros: “Bora trabalhar, menino!” Eles tinham era raiva quando eu *tava* perto, porque eu botava pra valer no trabalho. E, certo dia, eu quis brejar. Eu suado lá puxando roça, a comida no bucho e eu querendo brejar.

**Chloé** – Brejar é o que mesmo, *seu* Chico?

**Chico Alves** – Brejar é “o cabra” almoçar e depois ir trabalhar no sol quente. Daí depois ele começa a passar mal. Mas me deixe terminar de contar a história. Pois bem, eu tinha acabado de comer e nós começamos a trabalhar na roça. Eu puxava a enxada e ficava querendo envergar pra frente. Aí começou aquele suor e aquela gatura. E o suor escorria e pingava assim pelo meu nariz (*simula a cena*) e eu vendo o suor cair no chão e suava, suava, suava... Eu me abaixei no chão e os meninos lá trabalhando e gritando comigo: “É, brejou, brejou!” Mas eu me levantei, olhei pra cima, pra Deus, e disse: “Eu não vou brejar! Eu vou trabalhar, porque eu vou ser um homem rico, eu vou ser um dono de casa, eu vou ter uma mulher pra quando eu chegar em casa à noite ela me dá um pratinho de comida e dizer: *tá* aí, meu filho, sua janta!” Eu disse isso com 14 anos e Deus me deu a mulher, me deu as coisas, me deu tudo. Então, pra mim foi tudo bem. O que eu tive vontade na vida eu consegui. Olhe, eu tinha vontade de possuir casa, fazenda, terreno, comércio, um filho médico e um filho advogado. Porque eu achava que, tendo um filho médico, quando eu ficasse doente eu teria um filho médico à minha cabeceira. E achava que, tendo um filho advogado, eu teria um advogado à minha cabeceira também. Desde cedo eu já desejava isso e Deus me deu. Hoje eu tenho uma filha médica, *tá* com quase 30 anos que ela é médica, e uma filha advogada que *tá* com quase 30 anos também que é advogada. Deus me deu tudo isso.

**Fernando** – O senhor disse a Deus que iria trabalhar para ser rico e ter a sua mulher e tal. Então, aproveitando que o senhor está falando disso, vamos passar à segunda etapa da entrevista pra falar sobre sua trajetória de vida e da sua família. E eu gostaria de começar perguntando sobre o seu encontro com a sua esposa, a dona Eliete. Como é que foi esse encontro?

**Chico Alves** – Eu conheci Eliete quando ela tinha sete anos de idade e eu tinha dez. Nós morávamos perto e brincávamos juntos. Eu tinha três irmãs mulheres e ela tinha três irmãos homens. E perto lá de casa tinha o açude do avô dela que a gente ia tomar banho e brincar lá.

**Naiana** – O senhor lembra a primeira vez que viu a Eliete?

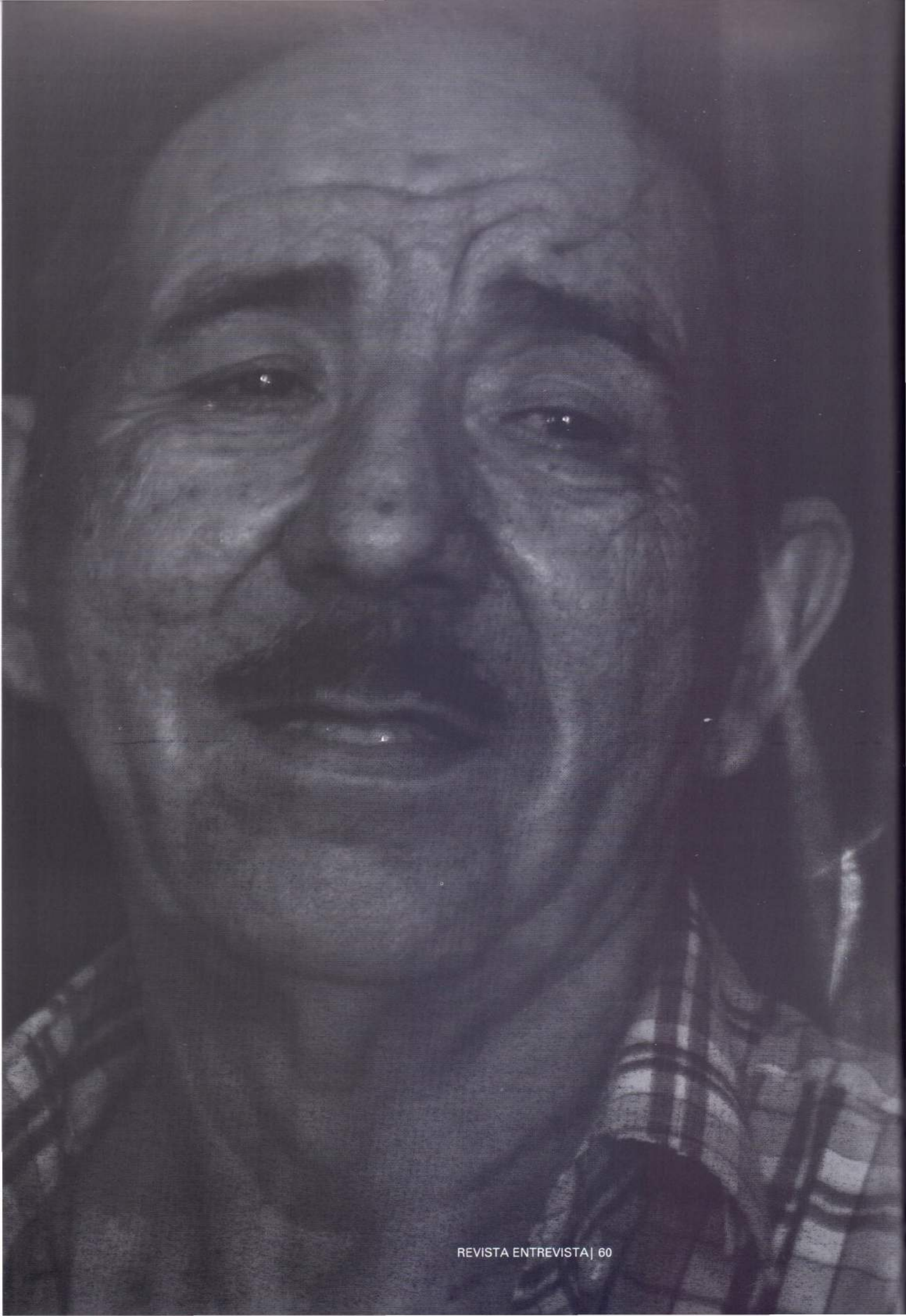
**Chico Alves** – Olhe, recordar a primeira vez é muito difícil. Eu me lembro do tempo que ela era uma menininha magrinha dos olhos grandes. Ela sempre foi uma pessoa alegre. Eu nunca vi os lábios de Eliete encostando um no outro. Sempre que ela ia dormir era sorrindo e quando acordava já era sorrindo também. Se ela levasse uma topada que machucasse a cabeça do dedo, ela chegava mostrando o dedo e achando graça. Tudo pra ela *tava* bom. Mas eu *tava* contando a história de quando nós brincávamos no açude, eu mais minhas três irmãs e ela mais os três irmãos dela. Nós éramos quatro homens e quatro mulheres e de vez em quando se juntava todo mundo pra ir tomar banho no açude. Chegava *no beijo* do açude dizia assim: “Todas as mulheres viradas de costas pra cá!” Aí os homens tiravam a roupa e pulavam dentro d’água. Depois dizia: “Todos os homens virados de costas pra cá!” Aí as mulheres faziam do mesmo jeito. Quando víamos, *tava* todo mundo nu dentro d’água tomando banho.

**Camila** – *Seu* Chico, o senhor lembra se houve um momento em que você pediu a dona Eliete em namoro ou foi pedir

Na entrevista que a equipe de produção fez com a filha mais velha de Chico Alves, Francinete, que é psiquiatra, ela afirmou que alguns traços da personalidade de Chico Alves encontram origens no relacionamento conturbado que ele teve com o pai na infância.

Para Francinete, Chico Alves sofre certa compulsão em trabalhar e acumular coisas. “É como uma compensação de uma carência infantil. Quando o pai dele deixou a mãe, ele passou fome e muitas privações. Essa compulsão pelo trabalho e por acumular coisas é como uma forma simbólica de responder a isso”, disse ela.







“O importante é estar feliz com o que tem.  
É ser feliz na posição que estiver. Quer  
ter alguma coisa? Gaste menos do que  
ganha. Não quer ter nada? Gaste tudo.”



Ainda segundo Francinete, outro traço marcante na personalidade de Chico Alves é o caráter centralizador. Para ela, “tudo é nele, tudo é em torno dele. Ele centraliza tudo. Quer ter o controle sobre tudo. E isso é um sofrimento pra ele. Tanto que ele costuma dizer que não gostaria de viver de novo a vida que ele teve”.

permissão para o pai dela?

**Chico Alves** – Essa foi uma cena lá mais na frente. Antes, nós ficamos amigos, brincávamos e tal. Nós passávamos uma energia muito grande de um para o outro. Uma vez vinha Eliete da missa e eu trabalhando no bar servindo uns clientes, pois quando eu a vi derrubei uma garrafa de cachaça no chão que quebrou todinha. Outra coisa era quando ela *tava* doente, com febre, que eu ia e passava a mão na testa dela e não demorava muito ela ficava boa. Assim nós fomos vivendo. Ela completou 15 anos e eu 18 e tal. Resultado: a gente já ia pros forrós junto, ela ia na minha casa pra me ver, eu ia na casa dela ver ela e, assim, ficamos já que nem namorados.

**Fernando** – E como foi que o senhor a pediu em casamento?

**Chico Alves** – Ah, meu filho, você quer que eu bote as cartas no mato, né? Pois bem: eu vagabundava por lá e tinha uma namoradinha. E essa menina era muito safada, ficava indo lá em casa, ficava me iludindo... Eu dizia: “Eu não quero. Vai acontecer coisa!” Mas eu sempre fui doído e acabou acontecendo com essa menina que eu namorava. Eu dizia: “Olhe, se você disser ao seu pai eu não caso com você!” Quando foi certo dia, ela chegou e disse: “Olhe, pai tá lhe chamando lá em casa!” Eu cheguei lá e o velho disse: “É porque eu soube de um negócio de você com minha filha e eu quero saber como é que fica”. Eu disse: “Que história é essa? *Chame ela* pra provar aqui!” Ela chegou e disse: “É verdade!” “Verdade o quê?”, perguntei. Eu fui pro lado do pai dela e disse: “Olhe, senhor, não pense que o senhor vai acabar meu namoro com sua filha não. Porque eu caso com ela nem que o senhor não queira, eu furto ela e caso. Acabo logo a confusão!” Ele disse: “Não, se você não quiser casar não tem problema”. Nessa

---

“Eu olhei pra cara dele e disse: ‘Papai, tá aqui!’ Empurrei a bicicleta assim por cima dele e falei: “*Tá* a bicicleta e o senhor pode ficar com ela, porque o senhor na minha vida só faz atrapalhar.”

---

Desde muito cedo, Chico Alves já demonstrava certo tino comercial e vocação para os negócios. Aos cinco anos, brincava de bodega com dinheiro de “mentirinha”. Aos sete, já tinha a própria “bodeguinha” e realizava pequenas vendas com dinheiro de verdade.

mesma noite eu peguei a motocicleta que eu tinha e fui bater na casa de Eliete, de noite. Saí empurrando a moto desde longe pra ninguém ouvir o barulho do motor. Cheguei lá, chamei ela e disse o que tinha acontecido. “Eliete, aconteceu isso com essa menina e tudo mais. Você vai casar comigo agora? Nós casamos bem ligeiro, você quer?” Ela disse: “Quero!”

**Fernando** – Então o senhor casou com a dona Eliete fugindo do outro casamento, foi isso?

**Chico Alves** – Foi. Eu não gostava dela não. Era só...

**Fernando** – (*interrompendo*) O senhor gostava mesmo era da dona Eliete?

**Chico Alves** – Era, eu queria muito bem a ela!

**Fernando** – E como é que foi pra pedir a mão da dona Eliete em casamento? Como foi a reação da família dela?

**Chico Alves** – Nessa mesma noite eu fui à casa de Eliete e contei à mãe dela o que tinha acontecido. O pai dela *tava* viajando. Então eu disse à mãe dela: “Olha, aconteceu esse negócio e tal...” A mãe dela ficou só olhando. Depois ela disse: “Olhe, você pode ir embora! Porque com a minha filha você não vai casar não! Se você buliu lá, vá pra lá!” Mas Eliete nem se importou pra isso que a mãe dela disse e, então, nós casamos – acho que foi 13 de setembro de 1960 – e fomos viver juntos.

**Lívia** – O senhor e a dona Eliete passaram por alguma dificuldade financeira no início do casamento?

**Chico Alves** – Não. Nunca passamos por dificuldades não, porque sempre eu trabalhei muito. Quando eu casei com Eliete eu já tinha comércio, prédio, casa... Eu já tinha tudo. Mas ela já me queria lá atrás. Quando casamos já tínhamos dez anos de convivência. E eu sempre fui aquele homem que trabalhava muito. Eu era um homem muito inteligente e Eliete tinha muita segurança em mim. Antes de a gente se casar ela um dia me viu levando uma mala cheia de perfume e sabonete na cabeça e batendo de casa em casa pra vender. Nesse dia ela percebeu que eu andava com uma calça rasgada no fundo, me escorando nas paredes pra ninguém ver. Muito tempo depois, quando a gente já *tava* casado, ela chegou pra mim um dia e disse: “Naquele dia eu vi você com a calça rasgada. Eu achava era bonitinho o teu jeito!” Quer dizer, quando a gente ama, tudo é bonito.

**Monique** – *Seu* Chico, qual foi a sua reação quando a dona Eliete engravidou pela primeira vez?

**Chico Alves** – Eu sempre quis. Ela é que queria deixar pra depois. Quando ela



**“A vida foi que me ensinou o estudo. Quando o meu pai se separou da minha mãe, eu fui trabalhar. E eu não tinha vontade de estudar, porque o tempo não dava.”**

engravidou nós estávamos com dois anos de casado. Naquela época não tinha comprimido (*anticoncepcional*), então a gente trabalhava na base da tabela. Hoje talvez vocês não saibam o que é tabela, mas naquela época a gente usava a tabela de contagem de dias. Certo dia, nós fomos a um casamento de um amigo, tomamos uns *drinks* e acabamos pulando fora da tabela. Foi quando apareceu a primeira menina (*refere-se à Francinete, filha mais velha de Chico Alves*).

**Naiana** – o senhor queria que fosse um menino?

**Chico Alves** – Todo mundo sabe que, em qualquer casal, o homem quer sempre ter um menino logo. Não sou só eu que penso assim, todo mundo é assim. Então eu pensava de ter um filho, eu queria a felicidade de ter um filho homem. Se assim fosse seria muito bom, mas se não fosse não era problema. Aliás, a filha mulher é melhor do que o filho homem. A filha mulher é boa porque dá beijo, abraça e tudo. Já o filho homem quando tá com cinco anos a mãe quer dar um cheiro e ele foge e corre pra ir brincar com os outros meninos. Francinete diz que eu queria que ela fosse um menino e acha que, por isso, a criei agarrada comigo. Eu levava ela pra todo canto, mas era porque eu queria bem a ela. Quando ela tinha um ano e pouco de idade

eu a levei pra Mossoró (*Rio Grande do Norte*) comigo. Deixei Eliete tomando de conta do comércio, fui a Mossoró e arrastei Francinete comigo.

**Fernando** – Já que o senhor citou Mossoró e, sabendo que certo tempo depois de casado o senhor se mudou com sua família pra lá, eu queria saber: como era a vida de vocês no interior da Paraíba e o que motivou vocês a se mudarem pra Mossoró?

**Chico Alves** – Na Paraíba, nessa época nós já tínhamos nosso comércio, tínhamos uma fábrica de doce, uma fábrica de sabão, uma fábrica de bebida, um armazém... De lá da Paraíba até chegar aqui no Ceará nós fornecíamos toda a região com vários produtos. Só que, na época de inverno, chovia, as estradas ficavam ruins, os carros de fornecimento atolavam, quebravam, ficavam cheios de problemas... Então, nós ficávamos sempre pensando em depois sair para outra cidade maior, por causa desse movimento. Aí nós fomos morar em Mossoró. Comparado a Brejo dos Santos, Mossoró era como se fosse o Rio de Janeiro. Brejo dos Santos era um interior que não tinha nada e nós tínhamos uma vida lá que era assim: eu viajava muito pra lá e pra cá fazendo vendas e deixava Eliete sempre tomando conta dos negócios.

**Fernando** – Dona Eliete ajudava muito?

**Chico Alves** – Todo tempo. Nós sempre morávamos dentro do próprio comércio. Quando nós casamos, Eliete foi morar comigo dentro de casa de comércio. Até quando fomos pra Mossoró, nós tínhamos lá a nossa casa, mas a casa era também a empresa de táxi que a gente tinha, era a oficina dos carros, era tudo.

**Fernando** – Então o senhor saiu com a sua família de Brejo dos Santos pra Mossoró e lá o senhor...

**Chico Alves** – (*interrompendo*) Bom, na Paraíba nós vivemos ainda mais cinco anos depois de casado. Eu casei em 1960 e saí de lá em 1965 pra ir pra Mossoró. E meu tio

Com as dificuldades financeiras enfrentadas na infância, principalmente após a separação dos pais, Chico Alves teve de buscar formas de garantir o sustento da família e passou a trabalhar com a mãe na roça. No entanto, o trabalho na roça só lhe garantia uma renda de apenas (em moeda de hoje) R\$ 5,00 por dia de serviço.



Para complementar a renda do trabalho com a mãe durante o dia na roça, Chico Alves sempre dava um jeito de inventar alguma coisa pra vender. Chegou a recolher restos de pneus nas estradas para vender como fonte de luz. Para Francinete, fatos como esse diagnosticam o pai como um caso de inteligência múltipla.



Além do talento para o comércio, entre a pobreza e o sucesso financeiro Chico Alves por diversas vezes contou com o apoio substancial de seu tio paterno Antônio Alves de Oliveira, grande comerciante e empresário bem sucedido em Mossoró-RN.

*(Antônio Alves, irmão do pai de Chico Alves)* já morava em Mossoró e me ajudou muito. Meu tio sempre me ajudou muito.

**Fernando** – Por que o seu tio lhe ajudava?

**Chico Alves** – Porque eu sempre fui um menino trabalhador. Aos outros sobrinhos dele ele nunca deu nada. Mas, como eu trabalhava noite e dia, nem precisava ser meu tio, mas qualquer pessoa que visse meu esforço era capaz de me ajudar. Vocês estão me vendo assim com essa camisa e essa calça *(aponta para camisa de botão quadriculada azul e a calça social preta que veste)* porque eu tô recebendo vocês aqui em cima, no meu apartamento. Mas eu lá embaixo *(na sucata)* sou “da macaca” pra trabalhar.

**Fernando** – Mas o seu tio ajudou como lá em Mossoró?

**Chico Alves** – Lá em Mossoró mesmo não precisou de tanta ajuda dele não, porque eu fui pra lá já levando umas coisinhas. Mas, lá na Paraíba, em 1953, eu tinha um *restaurantezinho* e ele mandou uma pessoa me avisar que se eu quisesse negócio ele me ajudava. Depois um homem me ofereceu um bar pra eu comprar por 53 contos *(moeda da época)*. Mas, no buraquinho de parede, eu só tinha 13. Eu tinha 13 mil enfiados no buraquinho de parede. Aí uma vez eu fui a Mossoró e ele disse: “Aqui, meu filho, uma promissória de 92 mil, pode ficar pra você!” Eu disse que não precisava de tudo, que eu só precisava de 40. Ele disse: “Mas pode levar os outros 50. É todo seu!” Eu disse: “Não quero!” Deixei os 52 mil e levei os 40 pra comprar o bar. Passado esse tempo, meus negócios subiram, porque eu só botava pra frente.

**Naiana** – O senhor acha que o seu tio o via como um filho?

**Chico Alves** – Ele me via como um filho, um trabalhador e um lutador. Ele me deu muita ajuda. O que eu disser aqui é pouco, ele fez muito mais por mim. Ele foi quem bateu

“Ela sempre foi uma pessoa alegre. Eu nunca vi os lábios de Eliete encostando um no outro. Sempre que ela ia dormir era sorrindo e quando acordava já era sorrindo também.”

Chico Alves conheceu a esposa Eliete ainda na infância. Eles moravam em sítios vizinhos e desenvolveram uma forte amizade, que acabou dando em casamento. Segundo Francinete, a personalidade e o caráter proativo de Chico Alves fizeram Eliete despertar uma sensação de segurança nele que a fez desagradar à família dela, dispensando outros pretendentes para casar com Chico Alves.



na porta da minha casa, quando eu ainda morava em Brejo dos Santos na Paraíba, pra dizer que era melhor eu ir embora de lá pra Mossoró.

**Fernando** – E, quando o senhor chegou a Mossoró, foi fazer o quê?

**Chico Alves** – Em Mossoró foi bom. Montei um ponto de táxi. Isso foi em 1965. Saí de Mossoró só cinco anos depois, em 1970. Foi quando fui pra São Luís *(Maranhão)*.

**Fernando** – E como foi essa história dos táxis? O senhor disse na pré-entrevista que começou com um só, foi comprando outros e...

**Chico Alves** – *(interrompendo)* É. Eu comecei mole. Comprei um táxi, novo, zero, à vista, por 4.500 *(cruzeiros)*. No outro dia de manhã eu fui no mercado mais Eliete. Fui dirigindo. Eliete também sabia dirigir. Na volta eu disse: “Filha, vai experimentando o carrinho novo.” Aí ela saiu, quando chegou numa curva, no lugar de ir por dentro, ela foi por fora. Aí pegou em cima do jipe de um juiz de Direito, foi confusão... Amassou o carro novo todo e ainda tive de ajeitar o jipe do juiz. Eu gastei 3.800 contos pra ajeitar um carro que tinha custado 4.500.

**Naiana** – Quando a dona Eliete bateu o carro, o senhor ficou bravo com ela?

**Chico Alves** – Não podia ficar bravo com a Eliete porque existe uma coisa, quando as pessoas são humildes, por Deus... Não existe



raiva, não existe briga entre duas pessoas que se amam. Foi uma coisa que aconteceu... É normal. Nós não brigávamos.

**Lívia** – *Seu Chico*, voltando aos negócios que o senhor tinha em Mossoró, o senhor tinha outros negócios além dos táxis?

**Chico Alves** – Não, só os carros.

**Lívia** – Eram quantos? Como funcionava?

**Chico Alves** – Treze carros. Comecei em Mossoró com um táxi e terminei com 13. Daí, depois eu fui pra São Luiz levando a frota e os motoristas, mas lá as coisas não andaram bem. Em Mossoró era eu quem consertava os carros e trabalhava na praça de noite. Lá tive 13 carros e uns vinte e poucos motoristas. Uns trabalhavam de dia, outros de noite. Era uma luta.

**Fernando** – E por que o senhor saiu de Mossoró, onde o senhor tinha toda essa frota e todos esses funcionários, pra ir morar em São Luís?

**Chico Alves** – Eu saí de Mossoró porque a praça estava pequena. Não dava pra crescer na cidade. Resolvi ir pra São Luís com Eliete, olhamos lá, vimos que estava bom e fomos. Mas quebramos a cara.

**Pedro** – O senhor chegou perto de falir?

**Chico Alves** – Cheguei, porque eu tinha 13

que eu arranjei uma velha que me alugou uma casa sem fiador.

**Camila** – O senhor se arrepende de ter ido pra São Luís?

**Chico** – Não. Só que não deu certo em São Luís e eu vim pra cá (*Fortaleza*). Se eu tivesse vindo pra cá antes, qualquer coisa que eu não gostasse eu ficaria arrependido porque não tinha ido pra São Luís. Eu só fui pro pior primeiro e depois vim pro melhor. E o ruim é você ir pra uma cidade que é a boa e depois voltar pra uma pior.

**Fernando** – E quando o senhor veio de mudança pra Fortaleza, o senhor tinha a ideia de fazer o quê aqui?

**Chico Alves** – Aqui eu segui muito bem. O erro foi ter investido em fazenda. Aqui eu comecei com 30 táxis, depois comecei a fazer prédio pra aluguel. Eu tinha só uma sucatinha no começo. Cheguei num quadro com 206 imóveis de aluguel. Hoje tem só 85 apartamentos. Quando eu cheguei aqui, comecei com sucata e os carros (*táxis remanescentes de São Luís*). Aí eu disse: "Vou começar com prédio pra alugar e continuar com a sucatinha." Assim fui levando. De dez mil contos de sucata, passava o ano lutando e, quando era em

Ainda segundo Francinete, desde quando ainda eram crianças, Chico Alves e Eliete complementavam-se um ao outro. Eliete encontrara em Chico Alves a segurança e a fortaleza de um homem ávido por trabalho. Já Chico Alves encontrara em Eliete o apoio necessário para acreditar e seguir em frente com todas as ideias e iniciativas empreendedoras.

---

**"Eu sempre digo que a morte não é o fim de uma amizade. A morte é o começo de uma saudade (...) Porque a morte, a separação é que traz a saudade."**

---

táxis e tive de vender três carros pra ganhar dinheiro e dar o de comer às 15 pessoas (*família e funcionários*) dentro de casa. Depois tive de vender mais dois. Foi difícil em São Luís. Já na ida pra São Luís foi complicado. Chegamos no posto de Caucaia (*Ceará*) e o guarda nos parou. Mandou encostar e perguntou: "Cadê os documentos?" As licenças deles (*dos motoristas*), eu que tinha feito lá em Mossoró, mas o guarda disse que só valia lá em Mossoró.

**Fernando** – Era o senhor e mais quem nessa viagem?

**Chico Alves** – Tinha os irmãos da minha mulher e os outros motoristas. Éramos umas 15 pessoas, nessa viagem. Tínhamos uma Kombi, com fogão e tudo pra acampar.

**Fernando** – Chegando lá, o que o senhor encontrou?

**Chico Alves** – Encontrei dificuldade pra alugar casa, porque só alugava com fiador e eu não tinha. Passamos 15 dias morando debaixo de um pé de árvore. Só depois foi

janeiro, que eu fazia o balanço, passava a ter vinte mil de sucata. A mesma coisa era com os prédios. Mas, com os prédios eu não fazia nada. Só era receber o dinheiro. Eu *tava* muito bem. *Tava* com 153 milhões no banco. Aí inventei de comprar fazenda, morri. Me lasquei, comprei seis fazendas.

**Fernando** – Por que as fazendas não deram certo?

**Chico Alves** – Só dá prejuízo, fazenda é amaldiçoada. Você planta, aí vem a lagarta, depois vem a seca, vem o verão, depois vem chuva demais... No final, ainda não tem quem compre.

**Fernando** – Então o senhor achou melhor investir aqui na sucata mesmo?

**Chico Alves** – Na sucata, toda a vida eu investi. Todo dinheirinho que sobrava eu ia melhorando a sucata. Aí veio a doença da minha mulher, e fui cuidar só dela.

**Fernando** – Em todos esses negócios que o senhor tinha, sua mulher sempre apoiava?

**Chico Alves** – A minha mulher tinha uma

Chico Alves e Eliete tiveram quatro filhos – duas mulheres e dois homens. Francinete, a mais velha, tem 52 anos e é médica psiquiatra e professora universitária. Francilene tem 51 e é advogada. Francisco tem 42 e é empresário. Já Francineldo, o mais novo, tem 37 anos e é técnico em computação.



Eliete sempre foi o braço direito de Chico Alves em todos os negócios. Na sucata, era ela quem fazia a gestão dos recursos humanos. Pela alegria, simplicidade e, sobretudo, pelo espírito solidário com o qual tratava as pessoas, Eliete sempre foi bem quista por todos na sucata. Para alguns funcionários, a sucata não é a mesma sem Eliete.

cabeça assim... *(não completa o raciocínio)* As mesmas coisas que eu achava bonito, ela achava. O que eu gostava de comer, ela também gostava. Só tem uma coisa que eu gostava de comer, e ela não gostava, que era melancia. Mas ela comia só pra me satisfazer.

**Pedro** – Seu Chico, o senhor já tem mais de 50 anos de trabalho.

**Chico Alves** *(interrompendo)* – Não, tenho 69.

**Pedro** – O senhor já pensou em quando vai se aposentar?

**Chico Alves** – Se aposentar? Já sou aposentado há mais de 10 *(anos)*.

**Lívia** – O senhor pensa em parar de trabalhar?

**Chico Alves** – Olha, moça, uma coisa interessante. A minha teoria seria trabalhar de todo gás até 30 anos. Isso era meu sonho. Eu dizia: “Vou trabalhar sem parar até 30 anos!” Com 30 anos, não deu. Eu disse: “Vou trabalhar só mais dez anos, com 40 eu deixo tudo!” Com 40 anos, não deu. Aí eu disse “Vou arrastar pra 50 anos. Com 50 anos eu paro!” Quando cheguei aos 50, eu disse: “Mas, será possível uma coisa dessas? Eu vou pra 60!” Sabe o que eu calculei? Vou morrer trabalhando. Minha mulher era quem dizia que eu ia ser enterrado aqui dentro da sucata.

**Fernando** – Já que o senhor citou a sua esposa, vamos passar agora às perguntas sobre a história da luta contra a doença dela. Como o senhor reagiu à descoberta da doença da sua esposa?

**Chico Alves** – Não existe a reação, existe o desespero. Quando a minha filha viu que ela estava com um nódulo *(tumor cancerígeno na mama)* era num domingo à noite e eu tinha acabado de chegar da fazenda. Quando a Francinete me falou que ela tava com um nódulo... *(não completa o raciocínio)* A gente vive através da fé. A esperança era que fosse dar certo aquilo *(refere-se ao tratamento)*. Eliete ainda viveu seis anos e dois meses. Eu tinha muita fé, mas os médicos sempre explicavam que o fim dela poderia ser muito triste. Nós procuramos o segundo melhor médico da América Latina, uma equipe de ponta mesmo. Nós não medimos diferença de preço. Viajávamos três ou quatro vezes por ano para São Paulo. Ela tirou uma mama e, depois de um tempo, a outra. Ela passou uns três anos bem, depois teve recidiva *(quando o tumor reaparece)*. Ainda fez várias quimioterapias lá em São Paulo. Depois nós soubemos do tratamento em Cuba e fomos pra lá. Nós fizemos tudo o que deu.

**Fernando** – Ela passou seis anos convivendo com a doença, foi isso?

**Chico Alves** – Foi, e não chorava nem nada. Nunca reclamou. Ela sempre tava

conformada, nunca reclamou. Inclusive houve erro médico lá em São Paulo, numa parte da plástica dela. O médico tirou os retalhos da barriga pra fazer a mama só que, na barriga dela, criou uma hérnia. Ela ficou nove meses com a barriga aberta, foi muito sofrimento. Eu lembro que ela dizia que a pessoa tinha que se adaptar com a doença, se conformar. Ela continuou trabalhando normalmente – usava uma cinta constantemente, até morrer ela usou essa cinta – e até ia pra festa, dançava e tudo. E mesmo lá em Cuba, quando ela tava na UTI *(Unidade de Tratamento Intensivo)*, ela disse pro médico que iria ficar boa pra dançar forró. Só que, ainda em Cuba ela teve hemorragia. Teve que vir numa UTI no ar *(em avião equipado com UTI)*. Não deu mais pra ela sobreviver. Ela veio e morreu aqui.

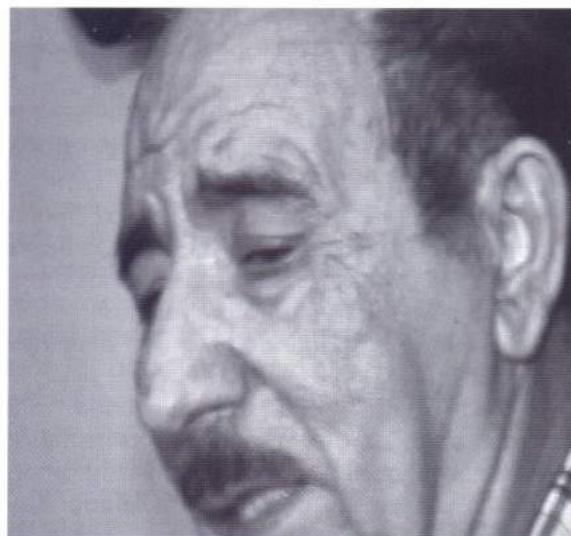
**Fernando** – O sentimento do senhor com relação a ela mudou nesses seis anos de convivência com a doença?

**Chico Alves** – Não, não mudou nada. Eu sempre digo que a morte não é o fim de uma amizade. A morte é o começo de uma saudade. Você está com sua mulher, vivendo com ela, ela tá doente, mas você não tá com saudade dela porque está com ela. Você começa a ter saudade quando ela morre. No dia seguinte, você já sente a falta de um dia que ela não está. Vem o terceiro dia, quarto dia, todo dia... a saudade vai aumentando. Porque a morte, a separação é que traz a saudade. As pessoas nunca imaginam isso. Daí eu fui ao cemitério no primeiro dia depois que ela morreu e dormi lá. Eu pensava: “Eu passei 34 anos ao lado da minha mulher. Por que é que eu não posso dormir aqui hoje?”

**Naiana** – Você sente a presença dela, quando está no cemitério?

**Chico Alves** – Não, moça. Não existe poder superior nesse caso. Eu fico lá, eu deito com ela, eu choro, eu acho graça, eu rezo... Mas, achar que ela tá ouvindo é difícil.

Aos 46 anos de idade, Eliete foi diagnosticada com câncer de mama chegando a falecer em setembro de 1994, após seis anos de convívio com a doença.





Eu digo: “Minha filha, eu tô aqui brincando com você, tô aqui rezando e tal...” Ela não tem nenhuma reação. Ela dizia: “Quando eu morrer, num instante você vai arranjar outra.” Já sonhei muito com ela. Um dia eu sonhei que me encontrava com ela na (avenida) Leste-Oeste. Eu dizia, no sonho: “Olha, filha, ainda não arranjei outra”.

**Naiana** – O senhor acha que quando o senhor morrer vai encontrar com ela?

**Chico Alves** – Eu acho que não. Nenhum de nós. O mundo é muito grande e a quantidade de pessoas é enorme. Pra se encontrar, não há condição. Se você raciocinar, há quantos mil anos que nasce gente? E há quantos mil anos que morre gente? Esse povo, onde estaria, todo mundo, essa *ruma* de alma? O que você acha? Agora, é muito bom você imaginar e ter fé que vai se encontrar. Eu rezo todo dia, na hora de dormir, na hora do almoço. Quando eu termino de almoçar, canto na cozinha (*Chico Alves começa a cantar*): “Bendito e louvado seja, Senhor, Santíssimo Sacramento...” Todo Dia de Finados eu distribuo dez mil folhetos lá no cemitério (*São João Batista*). São retratos de santo, lembrança de Eliete. E lá (*no folheto*) tem uma oração que é muito importante e que tenho muita fé nela. A minha vó foi quem me ensinou essa oração quando eu tinha sete anos. É o “Sonho de Nossa Senhora.” Ela (*a oração*) conta o sonho que Nossa Senhora teve quase na hora de (*Jesus*) ser pego pelos judeus pra ser morto. É assim (*Chico Alves começa a rezar*): “Eu ia pelo caminho, encontrei Nossa Senhora, com seu livro de ouro na mão. Meio lido e meio rezado. Chegou seu Bento Filho, aí disse: ‘Minha mãe, Maria Santíssima, o que é que vós fazeis aí?’ Ela disse: ‘meu filho, Jesus Cristo, sonhei um sonho, não sei se será verdade. Em um dos coroados se acharia uma cruz com 72 espinhos.’ Ele responde: ‘Minha mãe, Maria santíssima, tudo que vós

---

“Eu lamento e reflito muito sobre a minha vida. Com todo o sucesso que eu tive – e a minha própria esposa, que eu tive como uma grande felicidade na vida – eu não tenho nada na vida que faria diferente.”

---

dissestes será uma santa verdade. Neste mundo será rei, no outro, rei coroadado. Quem esta reza rezar um ano continuado tudo que pedir será alcançado.”

**Livia** – Hoje, o senhor refletindo sobre a sua vida, tem algum arrependimento ou algo que o senhor faria diferente?

**Chico Alves** – Eu lamento e reflito muito sobre a minha vida. Com todo o sucesso que eu tive – e a minha própria esposa, que eu tive como uma grande felicidade na vida – eu não tenho nada na vida que faria diferente, porque tudo que eu fiz foi pensando em dar certo. Qualquer tipo de negócio que eu inventei, ele tinha que ir pra frente porque eu botava pra ir pra frente. Agora, se eu me encontrasse cara a cara com Deus e botasse a mão na cabeça que nem... (*não conclui o raciocínio*). Olhe, deixe eu contar uma história: em 1958 eu tinha um bar e era porta aberta. Eu não fechava o bar e passava a noite acordado. Certo dia, eu peguei no sono e, quando acordei, tive uma visão de

Durante os seis anos de convívio com a doença, sempre com o apoio e a companhia do marido, Eliete buscou diversos tipos de tratamento, dos mais tradicionais aos mais exóticos. Fez cirurgias de retirada das mamas em São Paulo e chegou até a iniciar um tratamento em Cuba.



Ainda durante o período de convívio com a doença, Chico Alves e Eliete, juntos, projetaram o túmulo que viria a receber o corpo de Eliete. É nesse túmulo que, há 20 anos, Chico Alves passa noites na companhia da memória da esposa em datas comemorativas, como Natal, Ano Novo, Sexta-feira da Paixão, entre outras.



Durante a entrevista, Chico Alves demonstrou-se bastante saudosista ao referir-se à finada esposa. Mas não se trata de um saudosismo entristecido pela saudade. Assim como a fotografia na parede que, por coincidência ou não, permaneceu ao lado do entrevistado durante toda a entrevista, Chico Alves parece ter preservado na memória apenas o sorriso alegre de Eliete.

São Francisco. Ele batia na minha cabeça e dizia: "cuidado na vida, meu filho." Eu acordei assustado e fechei todas as portas. Um tempinho depois disso, passaram dois homens na calçada que tinham furado (*esfaqueado*) uma pessoa. Não mataram, mas furaram a pessoa. Eles poderiam ter me feito algum mal, mas Deus me ajudou. Então, depois de toda essa trajetória da minha vida, se Deus chegasse pra mim, que nem São Francisco fez, e dissesse: "meu filho, você quer viver sua vida de novo? pra você voltar a ter todas as felicidades com a sua esposa, sua Eliete?" Eu diria "eu agradeço, mas a minha vida não foi boa. Eu não quero outra vida." Minha vida só foi sofrimento. Minha felicidade era estar perto dela (*Eliete*), eu era feliz com ela. Mas meu trabalho foi angustioso, trabalhoso, sacrificado e o resultado terminou em nada. As ganâncias da vida, tudo termina na sepultura. Tudo que eu fiz, nada valeu

**Fernando** – Pra encerrar a entrevista, a última pergunta: olhando para o seu passado, sua trajetória de vida, qual seria a mensagem, o exemplo de vida, que o senhor gostaria de deixar para as pessoas?

**Chico Alves** – Tem várias opções de exemplos de vida nessa minha trajetória. O principal é ser feliz na posição que tiver. Um homem rico, se ele não é feliz, se ele acha que *tá* pobre, ele não é rico: é pobre. Por exemplo, se você tem uma bicicleta e outra pessoa tem um carro, tem um avião, sendo feliz com a sua bicicleta você será igual ao dono do carro ou do avião. Se você tem uma bicicleta e é feliz com sua bicicleta, o carro do seu fulano, o avião de não sei quem é dele e você não se importa, a felicidade é sua. O importante é estar feliz com o que tem. É ser feliz na posição que estiver. Quer ter alguma coisa? Gaste menos do que ganha. Não quer ter nada? Gaste tudo. Quer ter sobrando? Gaste menos. Não é obrigado você ter uma "ruma" de dinheiro. Se você tiver, escondidinho ou guardado no cofre, 100 cruzeiros e o outro tiver 10 mil contos, você *tá* feliz igual a ele e pronto. O ruim é pensar que a vida de fulano é melhor que a sua. Não é! A sua vida é sua. Você que faz sua vida ser feliz. Seja feliz com riqueza, tanto faz, tudo é a mesma coisa. Com a roupa velha, seja feliz.

Ao final da entrevista, Chico Alves fez questão de convidar todos ao próprio quarto onde mantém uma espécie de museu em memória de Eliete. Fotografias, joias, perfumes, loções, batons, maquiagens, objetos de decoração, roupas e até peças íntimas de Eliete foram preservadas e permanecem intactas 20 anos após a morte dela.

